



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

KELLY KRIS SIMÕES PEREIRA

O CULTISMO NAS PÁGINAS DE SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

**GUARABIRA
2017**

KELLY KRIS SIMÕES PEREIRA

O CULTISMO NAS PÁGINAS DE SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciada em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Linguagem, língua e
Discurso

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P345c Pereira, Kelly Kris Simões

O cultimos nas páginas de Senhora, de José de Alencar /
Kelly Kris Simões Pereira. – Guarabira: UEPB, 2017.
22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Me. Rafael Francisco Braz”.

1. Linguagem Culta. 2. Literatura Brasileira. 3. José de
Alencar. I.Título.

22.ed. CDD B869.3

KELLY KRIS SIMÕES PEREIRA

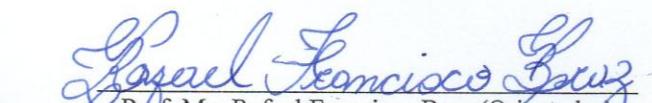
CULTISMO NAS PÁGINAS DE SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguagem, língua e Discurso

Aprovada em: 31/07/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Maria Aparecida de Lima Francisco
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Á minha mãe, minha mais bela razão de existir.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador, Rafael Braz, que dedicou seu tempo a me orientando. Obrigada pelos ensinamentos, atenção, amizade e dedicação ao longo deste período.

As professoras, Marta Furtado da Costa e Maria Aparecida de Lima Francisco, em aceitarem avaliar meu trabalho.

A todos meus professores que são os maiores responsáveis por eu estar concluindo esta etapa da minha vida e compartilhando os seus conhecimentos comigo.

A minha mãe e a minha irmã, por todo o apoio incondicional.

E a minha amiga, Ericarla Lira, por todo o aparato tecnológico.

“A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a ideia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito”

José de Alencar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	NO MUNDO DE ALENCAR: UM BREVE PANORAMA	12
3.	A SOCIEDADE E SUA LINGUAGEM	13
<i>3.1</i>	Mudando a Língua	13
4	NO CAMPO DO LEXICO A VARIANTE LINGUISTICA E A DIALETOLOGIA	15
4.1	A geolinguística	16
4.2	O papel do cultismo no romance Senhora	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

O CULTISMO NAS PÁGINAS DE SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Kelly Kris Simões Pereira¹

RESUMO

A Linguagem é, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é a partir dela que permite transcender as nossas experiências. No momento em que damos nome a qualquer objeto da natureza, nós o individualizamos, o diferenciamos do resto que o cerca, ele passa a existir para nossa consciência. Com esse simples ato de nomear, distanciamos da inteligência concreta animal, limitada ao aqui e agora e entramos no mundo do simbólico. Objetivo geral deste artigo científico é analisar o cultismo no romance urbano Senhora de José de Alencar nos aspectos da sociedade, dos salões no Rio de Janeiro do século XIX. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se nos aspectos linguísticos de Lyons (1981), Fiorin (2007), também, os aspectos filológicos de Freire (2008) e Cardoso (2010). A análise mostrou que o livro Senhora (1875), está entre os chamados romances urbanos, os quais tematizam a vida social do Rio de Janeiro no século XIX, por meio do livro podemos ver as mazelas da sociedade capitalista, completos interiores das personagens e a revelação da hipocrisia social é esse o enredo de Senhora, um romance romântico/realista, no qual ilustra o individualismo burguês e a prevalência do amor sacramentado pelo matrimônio e o dinheiro. Na obra podemos perceber que a personagem Aurélia que principalmente por meio do léxico e discursos em meios sociais e físicos, o autor a caracteriza, também, utilizando o estilo culto, ou seja, o cultismo para descreve-la e os espaços que a cerca, assim, evidenciando os valores ideológicos da sociedade na qual faz parte.

Palavras-Chave: Estilo culto. Senhora. José de Alencar.

1 INTRODUÇÃO

A Linguagem é, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é a partir dela que permite transcender as nossas experiências. No momento em que damos nome a qualquer objeto da natureza, nós o individualizamos, o diferenciamos do resto que o cerca, ele passa a existir para nossa consciência. Com esse simples ato de nomear, distanciamos da inteligência concreta animal, limitada ao aqui e agora e entramos no mundo do simbólico.

¹ Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: kelly-kris18@hotmail.com

O nome é símbolo dos objetos que existem no mundo natural e das entidades abstratas que só tem existência no nosso pensamento (ações, estados ou qualidades como a tristeza, beleza, liberdade).

É necessário, abandonar à ideia de que a língua é uma estrutura, acabada, que não é suscetível a variar e mudar. A realidade das pessoas que usam a língua, os falantes tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros.

A sociolinguística é uma área da linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. A língua é um sistema organizado tão organização que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando a região que mora, a língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade.

Sociedade do latim *societas*, que significa “associação amistosa com outros” é o conjuntos de pessoas que compartilham propostas, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade.

A língua é um instrumento de dominação, que só existe na mente dos falantes. Ela não é utilizada em termos concretos, é uma abstração da realidade que só se concretiza através da fala. Por isso Saussure afirma que a língua é um sistema de signas, cuja essência é a união do sentido e da imagem acústica; “é um tesouro depositado pela prática da parole em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” portanto ela se apresenta como acervo linguístico. (SAUSSURE, 1975, p., 231)

As relações das espécies animais com a natureza foi sempre igual até que os homens passaram a intervir no seu próprio destino, forjando a natureza às suas necessidades. Essa ação se chama trabalho, o que caracteriza o ser social, ou seja, sem o trabalho, o ser social não existiria.

Ser social, identificado como ser que vive em sociedade que é fundada pelas relações de trabalho. Trabalho que é fundado pelas necessidades da sociedade. Sendo então ser social, alguém que trabalha para construir a sociedade que o constrói.

Objetivo geral deste artigo científico é analisar o cultismo no romance urbano Senhora, de José de Alencar através dos aspectos frasais que representam a sociedade e os salões no Rio de Janeiro do século XIX.

A justificativa da escolha desta temática para construção desse artigo de conclusão de curso dar-se pelo desuso do cultismo no século XXI e, principalmente, no registro da fala, da escrita e, também, na modalidade digital que não se utilizam, em sua grande maioria, da norma culta padrão.

A abordagem metodológica para esta pesquisa dar-se através do método bibliográfico/interpretativo com coletas fraseológicas no romance *Senhora*, de José de Alencar, principalmente, na fala da personagem, Aurélia, quando passeia pela cidade e visita os salões cariocas.

Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se nos aspectos linguísticos de Lyons (1981) e Fiorin (2007) e, também, os aspectos filológicos de Silva (2008) e Cardoso (2010).

O romance *Senhora*, de José de Alencar começa mostrando a vida simples de uma moça que é órfã de pai e cuja mãe costura para fora para sobrevivência. Essa moça, Aurélia, é apaixonada por Fernando, um *bon vivant* que a namora e depois a abandonara, porque está à procura de uma noiva rica em que possa dar o golpe do baú. A mãe de Aurélia morre e a moça se vê sozinha e desamparada.

Algum tempo depois, ela descobre que seu avô era milionário e lhe deixou uma grande fortuna. Quando Fernando está sem “eira e nem beira”, manda seu tutor acertar seu casamento com Fernando, por cem contos de réis. Ele casa sem saber quem é a sua senhora, ou seja, a mulher que o comprou e mal sabe que é Aurélia a mulher que ele rejeitou e agora quer vingança.

Senhora, é um romance dividido em quatro partes, a primeira parte - O preço - que narra os episódios atuais, enquanto que a segunda parte (Quitação), fala-nos do passado de Aurélia, na terceira parte a história retoma ao sentimento de gratidão do casal. Vemos, Fernando, arrasado de vergonha, mas Aurélia toma seu silêncio como animo. É a invenção da fase hipocrisia conjugal.

Na quarta parte, Resgate, temos o desenrolar da trama. Intensificam-se os caprichos e as contradições do comportamento de Aurélia, ora ferina, mordaz, insaciável na sua sede de vingança. Intensifica-se, também, a transformação de Fernando, que não usufrui da riqueza de Aurélia, tornando-se modesto nos trajés e, assim, adquirindo sem poder a elegância, uma dignidade que nunca tivera.

Este artigo de conclusão de curso encontra-se subdividido nas seguintes partes, para melhor compreensão do leitor: No mundo de Alencar, que encontraremos a vida, obra e estilo do autor e, em seguida, a sociedade e sua linguagem- iremos abordar a mudança linguística, como a língua se manifesta na sociedade, um breve estudo sobre o léxico. No tópico no campo do léxico constará uma breve definição da geolinguística e seu papel nos trechos em análise e finalizando à análise - o cultismo no romance *Senhora*.

2 NO MUNDO DE ALENCAR: BREVE PANORAMA

O escritor brasileiro, José de Alencar, nasceu no Ceará, região nordeste do Brasil em 1829. Antes de iniciar sua vida literária, atuou como advogado, jornalista, deputado e ministro da justiça.

Alencar, tinha 25 anos e obteve sucesso imediato no jornal, onde trabalharam posteriormente, Machado de Assis (dez anos mais jovem que ele) e Joaquim Manuel de Macedo.

Nesse jornal, aconteceu sua estreia como romancista, em 1856 saiu em folhetins o novela Cinco minutos. Ao final de alguns meses, completada a publicação, justaram-se os capítulos em um único volume que foi oferecido como brinde aos assinantes do jornal.

Logo em seguida, *A viuvinha* (1857), Alencar inaugurou uma série de obras em que buscava retratar e, ao mesmo tempo, questionar o modo de vida na corte. O que aparece nesses romances é um painel da vida burguesa, costumes, moda, regras de etiqueta, tudo entremeadado por enredos, os quais amor e casamento são a tônica.

Nessas obras, circulam padrinhos interesseiros, agiotas, negociantes espertos, irmãs abnegadas e muito outros tipos que servem de coadjuvantes nos dramas de amor enfrentados pelo par amoroso central. São, assim, chamados romances urbanos de José de Alencar, tendência em que se enquadram, além dos acima citados, *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *A pata da Gazela* (1870), *Sonhos d'ouro* (1872) e *Senhora* (1875), este último, considerado sua melhor realização como obra de ficção urbana. Além do retrato da vida burguesa na Corte, esses romances, também, mostram um escritor preocupado com a psicologia dos personagens, principalmente, os femininos.

Em todos, a presença constante do dinheiro provocando desequilíbrios que complicam a vida afetiva dos personagens e conduzindo basicamente a dois desfechos: a realização dos ideais românticos ou a desilusão, numa sociedade em que ter vale muito mais do que ser.

Alguns exemplos de suas personagens transgressoras são: *Senhora*, a heroína arrisca toda sua grande fortuna na compra de um marido. *Emília*, a personagem central de *Diva*, busca, incansavelmente, um marido mais interessado em amor que em dinheiro. Em *Sonhos d'ouro*, o dinheiro representa o instrumento que permitirá a autonomia de Ricardo e seu casamento com Guida.

A narrativa de *A viuvinha* gira em torno do compromisso assumido por um filho no sentido de pagar todas as dívidas deixadas pelo pai. *Lucíola*, finalmente, resume toda a

questão de uma sociedade que transforma amor, casamento e relações humanas em mercadorias: o assunto do romance, a prostituição, obviamente mostra a degradação a que o dinheiro pode conduzir o ser humano.

A série de romances indianistas inaugurada com *O guarani* (1857) e se completa com *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). *Iracema* é considerada sua melhor obra indianista, o aspecto mais importante e inovador de *Iracema* é a linguagem poética, extremamente bem elaborada, as informações históricas de que o autor se utiliza servem, apenas, para assegurar certa veracidade aos fatos narrados.

Além do romance urbano e do indianista, o escritor ainda incorporaria outros aspectos do Brasil em sua obra. Romances como *Til* (1872), *O tronco do ipê* (1871), *O sertanejo* (1875) e *O gaúcho* (1870) mostram as peculiaridades culturais da nossa sociedade rural, com acontecimentos, paisagem, hábitos, maneiras de falas, vestir e se comportar diferentes da vida na Corte.

O gaúcho assim, é que em a *Revolução Farroupilha* (1835/1840) serve como pano de fundo à narrativa. O enredo de *O tronco do ipê* traz como cenário o interior fluminense e trata da ascensão social de um rapaz pobre. Em *Til*, o interior paulista, é o cenário da narrativa.

Alencar não se limitou aos aspectos documentais, o que vale de fato nessas obras é, sobretudo, o poder da imaginação e a capacidade de construir narrativas bem estruturadas. Os personagens são heróis regionais puros, sensíveis, honrados, corteses, muito parecidos com os heróis dos romances indianistas, mas na criação de todos esses personagens, Alencar perseguia o mesmo objetivo: chegar a um perfil do homem essencialmente brasileiro.

Em *Guerra dos mascates* (1873), personagens fictícios escondem alguns políticos imperados (que aparece sob a pele do personagem Castro Calda). *As minas de prata* (1865), é uma espécie de modelo de romance histórica, é considerado seu melhor romance histórico.

Com o romance histórico, Alencar completava o mapa do Brasil que desejava desenhar, fazendo aquilo que sabia fazer: literatura. Sua preocupação maior era, efetivamente, trazer o nacionalismo para nossa literatura, objetivo que ele perseguiu até o fim da vida. Vítima de tuberculose José de Alencar morre aos 48 anos de idade, em 1877, deixando inúmeras obras que fazem sucesso até os dias atuais.

3 A SOCIEDADE E SUA LINGUAGEM

3.1 Mudando a língua

Uma língua numa é falada de maneira unilateral pelos seus usuários: ela está sujeita a muitas variações. No ato da fala, vejamos a seguir alguns tipos de variações conforme Labov, (1982):

a-) De época para época: o português de nossos antepassados é diferente do que falamos hoje, por exemplo: vosmecê, vossuncê, suncê, você.

b-) De região para região: o baiano, o carioca, o paulista, o paraibano falam de maneiras distintas, por exemplo: o baiano fala jerimum, o paulista diz abóbora, o carioca aipim, e o paraibano fala macaxeira.

c-) De grupo social para grupo social: pessoas que moram em bairros chamados nobres falam diferente dos que moram na periferia. Costuma-se distinguir o português das pessoas mais prestigiadas socialmente (chamada norma alta) e o das pessoas de grupos sociais menos prestigiadas (a fala popular ou norma popular), exemplo: culta => tem muita gente que não compreende as coisas; coloquial => tem uma galera muito sem noção.

d-) De situação para situação: cada uma das variantes pode ser falada com mais cuidado (a fala formal) e de modo mais espontâneo (a fala informal). Um professor universitário ou um juiz falam de um outro modo na faculdade ou no tribunal e de outra numa reunião de amigos, em casa e em outras situações informais.

Além dessas, há outras variações, como por exemplo, o modo de falar de grupos profissionais, a gíria própria de faixas etárias diferentes, a língua escrita e oral. A variação linguística é um fenômeno que acontece coma língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial. A língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes.

Conforme Fiorin (2007), as formas em variação recebem o nome de “variantes linguísticas” que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. A mudança linguística está relacionada as evoluções de uma língua e ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de uma questão diacrônica (é dinâmico, tem duração no tempo).

Por outro lado, a variação linguística é de natureza sincrônica (momentâneo, estático, um estado da língua). Sabemos que a língua é viva e que, conseqüentemente, ela mudar através dos tempos. Em temas linguísticos, as mudanças não são consideradas aperfeiçoamento de uma língua. As mudanças, assim como, as variações linguísticas, podem ocorrer em diferentes planos (sintáticos, fonéticos, analógicos, semânticos, etc.)

A língua para a sociolinguística variacionista (Labov) apresenta variação, que é um desencadeador de mudança, a mudança é gradual, ou seja, primeiro passa por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança.

A questão é que certas diferenças fonéticas entre sotaque podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramáticas entre os dialetos de uma pessoa varia sistematicamente segundo a finalidade ou informalidade da situação em que se encontra. (LYONS, 2007, p., 223).

Para o favorecimento dessa mudança há os fatores linguísticos que se relacionam à forma como a língua está organizada, como funciona o seu sistema, quais são seus elementos e suas regras, e os fatores extralinguísticos relacionam-se à forma como a língua está inserida na sociedade.

4 NO CAMPO DO LÉXICO: A VARIANTE LINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA

De acordo com o pensamento crítico de Cândido de Figueiredo, 1913, “Dialetologia => complexo de estudos ou conhecimentos à cerca de dialetos”. A língua de uma povo faz parte da sua cultura, pois é expressão da manifestação cultural deste povo, assim, sabemos que a fala é individual e o seu objetivo é socializar para que haja comunicação, principalmente com a função da fala.

Como afirma Saussure, a Dialetologia identifica, situa, descreve os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural, respondendo a um pensamento mais amplo, pois, como afirma Cardoso (2010):

O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição da língua. (CARDOSO, 2010, p., 27):

A dialetologia é, como a própria palavra sugere, o estudo dos dialetos. Com base em Cardoso (2010), observamos que há duas características importantes na origem da Dialetologia independentemente do princípio metodológico usado – a primeira característica é o reconhecimento das diferenças ou das semelhanças que a língua transmite. Outra característica é o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas.

A dialetologia não pode desconsiderar fatores extralinguísticos próprios dos falantes da mesma maneira que não pode desconsiderar as implicações que estes fatores acarretam nos atos da fala. De maneira que a idade, o gênero, a escolaridade e características socioculturais

tornam-se elementos de pesquisa que convivem com a busca de identificação de área dialetais².

É possível observar uma confluência de propostos entre a dialetologia e a sociolinguística, uma vez que ambas perseguem a variação linguística. Os enfoques diatópicos e sócio linguístico estão presentes tanto na dialetologia quanto na sociolinguística, o que as distingue é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que cada uma imprime à abordagem dos fatos linguísticos.

A Dialetologia tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos estudados, demonstrando seu caráter eminentemente diatópico, embora considere fatores sociais. Por outro lado, Cardoso (2010, p. 26) observa que a sociolinguística centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando as relações sociolinguística.

É possível afirmar que a dialetologia tem duas diretrizes que são a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. No curso da história, Cardoso (2010, p. 27) afirma que as diferenças dialetais têm sido explicitados em diversificadas manifestações, em momentos distintos e motivados por razões variadas e em alvo de interesses políticos.

4.1 A Geolinguística

A Geolinguística ou geografia linguística, segundo Dubois (1978, p., 307) “*é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes*”. Podemos, também, ver que a Geolinguística como um estudo cartográfico dos dialetos, como nos mostra Jordan (1962, p. 273), ao afirmar que “*A geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico como objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos*”.

A geolinguística como campo de pesquisa de acordo com Camargo (2010) traz à luz da linguística num modo cultural apresentando assim por José de Alencar no romance Senhora (1997) um Rio de Janeiro caricaturado na burguesia representada pelos salões da época e pelas identidades linguísticas que iam-se formando nesse ambiente, agora iremos analisar os seguintes trechos:

² Assim como o corpus de Análise desta pesquisa Alencar (1997). O romance apresenta um processo fraseológico, no qual a dialetologia do Rio de Janeiro do século XIX.

Havia um baile em São Clemente, Aurélia ali estava como sempre, deslumbrante de formosura, de espírito e de luxo. Seu Jorge era um primor de elegância, suas joias valiam um tesouro, mas ninguém apercebia-se disso. O eu se via e admirava era ela, sua beleza, que enchia a sala, como um esplendor. O baile em vez de fatigá-la, ao contrário a expandia. Semelhante as flores tropicais, filhas do sol, que ostentam o brilhante matiz nas horas mais ardentes do dia, era justamente nesse pélagos de luz e paixões, que Aurélia revelava toda a opulência de sua beleza (ALENCAR, 1995, p., 165).

No trecho em análise o narrador usa de um espaço social para demonstrar a beleza da personagem Aurélia no salão, pois a ciência da geolinguística, ou mesmo a geografia da linguística que de acordo com Jordan (1962, p., 273) podemos também ver que a geolinguística como um estudo cartográfico dos dialetos ao afirmar que “*A geografia lingüística significa a representação cartográfica do material lingüístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos*”.

Vemos que **fatigá-la**, **matiz** e **pélagos** são exemplos de cultismo presente na narrativa Alencariana que foram utilizados num espaço temporal do século XIX. As visitas foram conduzidas pelo criado do salão, onde apenas se achava D. Firmina Mascarenhas, e o Torquato Ribeiro, com quem o velho trocou algumas palavras no vão de uma janela, enquanto Seixas sentado junto ao sofá, aguardava o terrível momento.

Ouviu-se em frolido de sedas, e Aurélia assomou³ na porta do salão. Trazia nessa noite um vestido de nobreza opala⁴, que assentava-lhe admiravelmente debuxando⁵ como uma luva o formoso busto. Com as rutilações⁶ da seda que ondeava ao reflexo das luzes, tornavam-se ainda mais suaves as inflexões harmoniosas do talhe⁷ sedutor (ALENCAR, 1995, p., 59).

Nesse trecho, o narrador usa como espaço o salão da casa de Aurélia, personagem corpus deste artigo, no qual descreve as características do léxicos do vestuário da personagem mostrando-nos toda sua exuberância e classe, tanto é que o narrador utiliza o cultismo nos vocábulos 3, 4, 5, 6 e 7 ao se referir a Aurélia.

Correu-se uma cortina e Aurélia entrou na câmara nupcial. Seu pano deslizou pela alcatifa⁸ de veludo azul marchetado de alcachofras⁹ de ouro, como o andar com que as deusas perlustravam¹⁰ no céu a galáxia quando subiam ao Olimpo. A formosa moça trocara seu vestuário de noiva por esse outro que bem se podia chamar traje de

³ Assomou foi utilizado no texto para nos mostrar que Aurélia apareceu na porta do salão.

⁴ Opala faz referência ao vestido de Aurélia ou seja o vestido apresentava reflexos leitosos e azulados comparados a uma pedra preciosa.

⁵ Debuxando significa no texto delinear, esboçar a perfeição do vestido no corpo de Aurélia.

⁶ Rutilação se refere no texto, para o brilho da cor intensa um ouro brilhante da seda que Aurélia vestia.

⁷ Talhe no texto se refere ao suave formato da curvatura do corpo de Aurélia

⁸ Alcatifa refere-se ao tapete espesso e fofo do quarto de Aurélia.

⁹ Alcachofras refere-se a plantas, que no texto foram aplicadas no tapete com o recorte em formato de plantas em madeira.

¹⁰ Perlustravam faz menção ao caminho percorrido com a vista examinando tudo que seus olhos podem enxergar, ou seja o andar de Aurélia é comparado com o das deusas que subiam ao Olimpo.

esposa; pois os suaves emblemas da pureza imaculada, de que a virgem se reveste quando caminha para o altar, já se desfolhavam como as pétalas da flor no outono, deixando entrever as cartas primícias do santo amor conjugal. (ALENCAR, 1995, p., 73)

Podemos analisar pelos véis linguísticos que a cena acontece na câmara nupcial, ou seja, no quarto, assim o narrador compara a personagem Aurélia a uma deusa do Olimpo, utilizando palavras eruditas para descrever os passos de Aurélia, na mais fina elegância que ela poderia ter, como nos vocábulos 8, 9 e 10.

No dia seguinte houve espetáculo no Teatro Lírico, Aurélia escreveu a Adelaide Ribeiro um bilhete oferecendo-lhe o seu camarote e prometendo-lhe sua companhia. As duas senhoras não tinham relações íntimas; apenas haviam trocado entre si as visitas de rigor depois do casamento. Aurélia aproveitou o pretexto da ópera nova não para estreitar essas relações cerimoniais, mas para ter ocasião de falar com o Dr. Torquato Ribeiro. (ALENCAR, 1875, p. 67).

O narrador usa como espaço físico o teatro Lírico para mostra-nos através da personagem Aurélia à beleza da corte e as atrações que a serviam de espaço para o desenrolar do romance.

Seriam nove horas do dia. Um sol ardente de março, esbate-se nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala nas Laranjeiras. A luz coada pelas verdes empanadas¹¹ debuxa com a suavidade do nimbo gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado escarlate do papel que forra o gabinete. Reclinada na conversadeira com os olhos a vagar pelo crepúsculo do aposento, a moça parece imersa em intensa cogitação. O recolhimento apaga-lhe no semblante, como no porte, a reverberação mordaz que de ordinário ela desfere de si, como a chama sulfúrea de um relâmpago. (Alencar, 1875, p. 20).

Observamos que o narrador utiliza palavras refinadas ao descrever a sala em Laranjeiras, na qual Aurélia se encontra, e faz uma descrição minuciosa da personagem e do espaço no qual ela se encontrava.

4. 2 O papel do cultismo no romance Senhora

O cultismo é o rebuscamento ou a forma mais solene que se apresenta um léxico de uma língua e, também, a ornamentação estilística, na qual o escritor vai utilizar sua habilidade lexical na hora da escrita, é uma linguagem repleta de jogos de palavras e do emprego de figuras de estilo como a metáfora, hipérbole, entre outras para expressar o seu pensamento. Também, podemos notar a presença da ironia nas palavras, é importante “como eu estou dizendo, ou seja, a forma.

¹¹ Empanadas – janelas em que havia pano em vez de vidro, na época era demonstração de requinte.

O cultismo segundo o dicionário Aurélio (2004) é a palavra erudita, isto é, tomada de empréstimo a uma língua clássica, ou emprego de palavras cultas, estilo erudita. Para a filóloga Silva (2009) *apud* Busto Tovar (1974),

Cultismo é sinônimo de forma erudita. Além de em produto de criação popular, a língua é também uma consequência do trabalho das classes intelectualmente mais elevadas, ainda das circunstâncias histórico-culturais que lhes condicionam a evolução do conjunto da língua e de cada vocábulo em particular. (Silva *apud* BUSTOS TOVAR, 1974, XXVIII, p. a)

A palavra possui um conteúdo conceitual ou afetivo que fala a cada instante das circunstâncias sociais, políticas, culturais em que o vocábulo esteja inserido na língua através da história e seu contexto. De acordo com Silva (2009) *apud* Bustos Tovar (1974), o cultismo adapta-se ao sistema da língua. Um empréstimo é culto quando o falante estabelece, ou pode estabelecer, uma relação de qualquer tipo etimológico, semântico, morfológico, sintético, etc..

O papel do cultismo no romance *Senhora*, de José de Alencar é evidente e fica claro nas páginas e na protuberância da linguagem das personagens, pois como argumentam Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p. XIV), ao expor a Nova Gramática do Português Contemporâneo, descrevem que “*a norma culta trata-se de um ensaio de representação da língua portuguesa atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses e brasileiros até os dias atuais*”.

Nesta linha de pensamento argumentativo, ainda, Faraco (2008, p., 37), simplesmente, designa norma culta como “*o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso das falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita*”, ou seja, a maneira como um falante de determinada língua costuma falar e/ou escrever certa expressão que utiliza em determinada situação, sendo assim, para cada grupo social de que fazemos parte, temos uma variação de nossa linguagem e para todas as quais há uma norma.

No século XXI, ele se encontra em desuso, pois é pouco ou quase nunca, utilizado, pelos falantes há situações, as quais são adequados ou não utilizá-los, nos discursos, jornais, nas oratórias dos advogados e em textos mais complexos. Na linguagem oral, é usado a forma mais coloquial, uma linguagem mais simples, diferente do cultismo que é uma linguagem erudita, chegando ao solíssimos da língua.

O glossário que segue é retrato do romance, *Senhora*, de José de Alencar corpus deste artigo, no qual encontraremos por um método fraseológico e lexicológico os termos cultistas retirados no romance.

1 “[...] Deus não os aveludaria com as mais **inefável** ternura, se os destinasse para vibrar chispas de **escarnio!**” (ALENCAR, 1995, p., 18)

Valor lexical: inefável => adj. 2 gê. 1. Indizível, que não se pode exprimir por palavras; 2. (fig.) delicioso; encantador; inebriante.

Valor lexical: escarnio => s.m. zombaria; sarcasmo; menosprezo.

Valor lexical: chispas => S.f. 1. Fagulha; faísca; 2. (fig.) inteligência; talento; gênio.

2 “[...] Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura e do culto que lhe rendiam, ao contrário, parecia unicamente possuída de indignação por essa **turba** vil e objeta”. (ALENCAR, 1995, p., 18)

Valor lexical: Turba => s.f. 1. Multidão desordenada; 2. Muita gente reunida; 3. A multidão, o povo; 4. Coro de vozes.

3 “A luz coada pelas verdes empanadas debuxa com a suavidade do nimbo o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado **escarlate** do papel que forra o gabinete.” (ALENCAR, 1995, p., 20)

Valor lexical: escarlate => s.m. cor vermelho-vivo e rutilante; adj. 2. Gên. Que tem essa cor.

4 “Seus olhos já não tem aqueles **fulvos**, lampejos, que despedem nos salões, e que é igual do mormaço, crestam. Nos lábios, em veza do caustico sorriso, borbulha agora a flor d’alma a rever os íntimos **enlevos**.” (ALENCAR, 1995, p., 20)

Valor lexical: fulvos => adj. Alourado, que tem cor amarelo tostado.

Valor lexical: enlevos => s.m. Encanto; assoubo; deleite; êxtase, maravilha.

5 “[...] Ao levantar-se da mesa coberta de finas iguarias, e **debuxada** com um olhar lânguido os graciosos contornos do talhe de Adelaide, que lhe sorria do piano, embalando-a em um noturno suavíssimo.” (ALENCAR, 1995, p., 90)

Valor lexical: debuxar => (ch) v.t.d. 1. Fazer o debuxo de; 2. Delinear; esboçar; 3. Expressar; 4. V.p. representar-se, refletir-se.

6 “[...] Os mais finos cristais irrisavam-se aos raios da luz, **cambiando** o esmalte da fina porcelana e as cores das frutas apinhadas em **corbelhas** de prata.” (ALENCAR, 1995, p., 119).

Valor lexical: cambiar => v.t.d. 1. Permutar; trocar (principalmente moeda); 2. Transformar; 3. Vi mudar de cores; 4. V.t.e mudar, trocar (de partido).

Valor lexical: corbelhas => s.f. pequeno cesto para doces, brindes, flores, etc. p. corbelha (ê).

Nesse quadro podemos ver linguagem culta e a língua atual.

Cultismo	Linguagem atual
Inefável	Encantador
Chispa	Faísca
Escárnio	Zombaria
Turba	Multidão
Escarlate	Cor vermelho vivo
Enlevo	Encanto
Debuxar	Expressar
Corbelha	Pequena cesta de doces
Cambiar	Trocar de cor
Fulvos	Alourado

José de Alencar, no romance *Senhora*, faz um processo geolinguístico, a partir da sociedade fluminense do século XIX. Percebe-se que nessa época a linguagem era culta, mais pomposa, ou seja, mais requintado, uma linguagem com o, posicionamento, bem elevado e altamente adjetivada, o que era erudito era o mais falado pela burguesia nessa época.

Podemos observar o conjunto de imagens do livro (ligado ao enredo, às personagens e outros elementos estruturais) sempre por uma ótica bivalente, que seja capaz de apreender ao mesmo tempo os padrões míticos subjacentes e sua deslocação, sua adequação a um critério de plausibilidade.

O cultismo está presente em toda obra Alencariana, ao analisar o quadro acima percebemos a mudança no decorrer do tempo da língua, o qual temos a linguagem de um lado mais solene e falada pela aristocracia luxuosa do século XIX e de outro, a mais coloquial, ou mesmo, simples de ser compreendida na atualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar a obra *Senhora* de um ponto de vista linguístico, pois, efetivamente, no romance de Alencar, *corpus* de nossa pesquisa, a linguagem e a cultura são postas com o intuito de aculturar o leitor e retomar o passado histórico, político e social do Rio de Janeiro imperial na época do império e do requinte da corte tentando, assim, europeizar à colônia no que se tratava de rebuscamento da linguagem.

O livro *Senhora* (1875), está entre os chamados romances urbanos, os quais tematizam a vida social do Rio de Janeiro no século XIX, por meio do livro podemos ver as mazelas da sociedade capitalista, completos interiores das personagens e a revelação da hipocrisia social é esse o enredo de *Senhora*, um romance romântico/realista, no qual ilustra o individualismo burguês e a prevalência do amor sacramentado pelo matrimônio e o dinheiro.

Na obra podemos perceber que a personagem Aurélia que, principalmente, por meio do léxico e dos discursos em meio sociais e físico que a heroína alecariana é construída, o autor a caracteriza, também, utilizando o estilo culto, ou seja, o cultismo para descreve-la e os espaços narrativos que a cerca, assim, evidenciando os valores ideológicos da sociedade na qual faz parte.

RESUMÉN

El leguaje es uno de los principales instrumentos en la configuración del mundo cultural, ya que es de ella que permite trascender nuestra experiencia. En el momento en que nombramos cualquier tipo de objeto, que individualizar la diferencian del resto de la cerca, se llega a la existencia de nuestra conciencia. Con este simple acto de nombrar, distanciado inteligencia animal concreto, limitado al aquí y ahora y entrar en el mundo de lo simbólico. El objetivo general de este trabajo científico es analizar el cultismo en las zonas urbanas el romance *Señora*, de José de Alencar en aspectos de la sociedad, los pasillos en Ríó de Janeiro del siglo XIX. Por lo tanto, nuestro marco teórico se basa en los aspectos lingüísticos de Lyons (1981), Fiorin (2007), También, los aspectos de la filológica Freire (2008) e Cardoso (2010). El análisis mostró que el libro *Señora* (1875), es una de las llamadas novelas urbanas, que tematizan la vida social de Ríó de Janeiro en el siglo XIX a través del libro podemos ver los males de la sociedad capitalista, interior lleno de personajes y la revelación de la hipocresía social que es la *Señora* de la trama, una novela romántica que ilustra el individualismo burgués y la prevalencia de amor por la unión del Santísimo Sacramento. En la obra podemos ver que el carácter Aurelia principalmente a través del léxico, el autor caracteriza también con el estilo culto, es decir, el cultismo describirlo y el espacio que lo rodea, que pone de relieve los valores ideológicos de sociedad de la que forma parte.

Palabras clave: Elestilo culto. *Señora*. José de Alencar.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1995.
- AURÉLIO. **Minidicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: Tradição e modernidade**. Suzana Alice Cardoso – São Paulo: Parábola, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. 1972. **Gramática do português Contemporâneo**. Belo Horizonte, Bernardo Alvares, 1985.
- DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Norma culta brasileira desatando nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- HOUASSIS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo : Objetiva, 2009.
- IORDAN, I. **Introdução à lingüística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística – uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SILVA, Marinalva Freire. **Edição crítica do Regimento Proueytoso Contra ha pestença (1496-1500)**. João Pessoa: Idéia, 2009.